

Artigo original

Educação ambiental e decolonialidade na construção de um pensamento socioambiental

Environmental education and decoloniality in the construction of a socio-environmental thought

Educación ambiental y decolonialidad en la construcción de un pensamiento socioambiental

Marcos Henrique Carneiro Alves^{1*} , Edilson Pontarolo² 

1. 2. Universidade Tecnológica Federal do Paraná , Curitiba, PR, Brasil. * Autor correspondente: marcosalves@alunos.utfpr.edu.br.

Citação: CARNEIRO ALVES, Marcos Henrique; PONTAROLO, Edilson. Educação ambiental e decolonialidade na construção de um pensamento socioambiental. **Revista Triângulo**, v. 18, n. 00, p. e025034. DOI: [10.18554/rt.v18i00.7825](https://doi.org/10.18554/rt.v18i00.7825).

Recebido: 31 jul. 2024

Aceito: 07 out. 2024

Publicado: 10 set. 2025



Resumo: Desde o início da humanidade o ser humano sempre teve uma estreita relação com a natureza, contudo, com o passar do tempo essa relação que antes era mútua passou a ficar de lado e uma racionalidade ligada ao poder e aos benefícios que o meio natural traria ao ser humano começou a tomar espaço na formação da concepção, visão e relação Ser humano e Natureza. Para tanto, partindo dessa contextualização o presente artigo em seu teor de ensaio teórico objetiva de forma geral fazer uma reflexão, sendo, a Decolonialidade um ponto de partida importante em ações de Educação Ambiental auxiliando na construção de um pensamento socioambiental voltado para a preservação do meio ambiente. Assim, o exercício teórico aqui proposto partiu de seleção de textos cujo autores e autoras são fundamentais no que diz respeito à ideia decolonial, assim como, aqueles que são os pilares de uma Educação Ambiental que se propõe a ser libertadora. Outrossim, partindo das leituras dos textos desses autores fundamentais, nasceram as seções que compõe este trabalho. Por fim, com as discussões aqui realizadas concluiu-se que, de forma contra hegemônica ao colonialismo a perspectiva Decolonial alinhada à Educação Ambiental podem resultar em ações voltadas para a mitigação dos impactos ambientais e na construção de um novo pensamento socioambiental.

Palavras-chave: Decolonialidade. Educação Ambiental. Pensamento Crítico.

Abstract: Since the beginning of humanity, human beings have always had a close relationship with nature, however, over time this relationship, which was previously mutual, began to be left aside and a rationality linked to the power and benefits that the natural environment would bring to the world. The human being began to take space in the formation of the conception, vision and relationship of the Human Being and Nature. To this end, based on this contextualization, this article, in its theoretical essay content, aims in general to make a reflection, with Decoloniality being an important starting point in Environmental Education actions, helping in the construction of socio-

environmental thinking aimed at preserving the environment. environment. Thus, the theoretical exercise proposed here began with the selection of texts whose authors are fundamental regarding the decolonial idea, as well as those that are the pillars of an Environmental Education that aims to be liberating. Furthermore, based on readings of the texts of these fundamental authors, the sections that make up this work were born. Finally, with the discussions held here it was concluded that, in a counter-hegemonic way to colonialism, the Decolonial perspective aligned with Environmental Education can result in actions aimed at mitigating environmental impacts and building a new socio-environmental thinking.

Keywords: Decoloniality. Environmental Education. Critical Thinking.

Resumen: Desde los inicios de la humanidad, el ser humano siempre ha tenido una estrecha relación con la naturaleza, sin embargo, con el tiempo esta relación, que antes era mutua, comenzó a dejarse de lado y surgió una racionalidad ligada al poder y beneficios que el entorno natural traería a la vida. el mundo. El ser humano comenzó a tomar espacio en la formación de la concepción, visión y relación del Ser Humano y la Naturaleza. Para ello, a partir de esta contextualización, este artículo, en su contenido teórico ensayo, pretende de manera general hacer una reflexión, siendo la Descolonialidad un punto de partida importante en las acciones de Educación Ambiental, coadyuvando en la construcción de un pensamiento socioambiental encaminado a preservar el medio ambiente. Así, el ejercicio teórico aquí propuesto comenzó con la selección de textos cuyos autores son fundamentales respecto de la idea decolonial, así como aquellos que son pilares de una Educación Ambiental que pretende ser liberadora. Además, a partir de lecturas de los textos de estos autores fundamentales nacieron las secciones que componen esta obra. Finalmente, con las discusiones aquí sostenidas se concluyó que, de manera contrahegemónica al colonialismo, la perspectiva Decolonial alineada con la Educación Ambiental puede resultar en acciones encaminadas a mitigar los impactos ambientales y construir un nuevo pensamiento socioambiental.

Palabras clave: Descolonialidad, Educación Ambiental, Pensamiento Crítico.

1. Introdução

Em toda a história, nunca foi tão abordada, como atualmente, a temática da crise climática e das problemáticas ambientais, o “assunto do momento”, se configurou através de anos de exploração de recursos naturais, com o ser humano se colocando no topo da hierarquia das espécies e definindo os demais seres vivos como inferiores no processo de apropriação do meio natural em benefício próprio. Pensamento esse que se fortaleceu e se constituiu com o surgimento do colonialismo.

Para tanto, segundo Lander (2005) o colonialismo deu início, a construção do intelecto de saberes dominantes, línguas, memórias e do imaginário, incluindo todos os povos e culturas em uma única narrativa universal, um modelo hierárquico, sistematizado de dominação sobre os corpos, sobre outros seres vivos e o meio natural.

Certamente, esse modelo desenvolvimentista contribui para a atual crise climática. Assim sendo, buscando quebrar esse pensamento hegemônico, em que, algumas de suas nuances são as

problemáticas ambientais, a perspectiva Decolonial e a Educação Ambiental desempenha um importante papel na construção de um pensamento reflexivo frente a esse contexto. Segundo Guimarães (2006), em teoria a Educação Ambiental visa dinâmicas sociais em que, indivíduos e coletividade constroem uma visão crítica com relação às realidades socioambientais.

Por outro lado, a perspectiva Decolonial coloca em discussão e problematiza as interações e entendimento, daquilo que foi construído e solidificado através do colonialismo, como a visão do que seria a natureza por exemplo, (Bernardino; Grosfoguel, 2016). Posto isto, por que não tomar posse da decolonialidade como ponto de partida para um novo olhar do ser humano em relação ao meio ambiente, contribuindo assim, para a construção de um pensamento socioambiental junto a ações de Educação Ambiental?

O presente artigo objetiva de forma geral realizar uma reflexão sobre a importância da perspectiva Decolonial como porto de partida em ações de Educação Ambiental, de tal forma que juntas, podem auxiliar na construção de um pensamento reflexivo em relação a conservação e preservação do meio ambiente buscando enfatizar que o processo de colonização deixou marcas em nossa sociedade e, em alguns aspectos ainda se faz presente, como nas interações ser humano e natureza e por conseguinte, na intensa exploração dos recursos naturais.

Para tanto, o trabalho aqui estruturado não se trata de uma revisão bibliográfica, dito isto, as obras presentes estão mais atreladas na busca por dar o embasamento necessário para os conceitos que foram abordados, visto que estes conceitos são essenciais para o entendimento do que se propõe em termos de uma Educação Ambiental e da Decolonialidade na construção de um pensamento socioambiental.

No que diz respeito à Educação Ambiental como perspectiva libertadora, autores como Paulo Freire e Mauro Guimarães trazem sustentação a essa discussão, ao que diz respeito a perspectiva Decolonial, Bernardino, Grosfoguel, Edgardo Lander e Anibal Quijano são aos pilares que embasam essa discussão.

Ainda, autores e autoras como Krenak, Marisol de la Cadena e Spivak, trazem uma dimensão em relação as interações ser humano e natureza, partindo de diferentes realidades, para além, Araoz e Bombardi fazem uma relação do modelo econômico contemporâneo e seu caráter colonial, frente ao produtivismo resultantes das mazelas ambientais. Assim sendo, para um melhor entendimento da escolha dos autores e autoras mencionados, na próxima seção os aspectos metodológicos do presente artigo serão apresentados.

2. Delineamento metodológico

O presente artigo trata-se de um ensaio teórico, pois visa discutir aspectos relacionados a realidade, neste caso, a influência do colonialismo na estruturação da nossa sociedade, e como a Educação Ambiental e a Decolonialidade podem exercer um papel desconstrutivo e auxiliar na construção de um pensamento socioambiental.

Sobre o ensaio teórico, Meneghetti (2011) descreve a relevância desse modelo de trabalho, pois se sustenta na sua capacidade de reflexão, de compreender a realidade, de uma integração de obras com objetivo de compreensão da uma realidade específica. Outrossim, segundo Sena (2009), para além de sua capacidade reflexiva, um ensaio teórico consiste em unir peças separadas para conceber uma perspectiva complementar a ser discutida.

Assim sendo, buscando atender o objetivo geral de realizar uma reflexão sobre a importância da perspectiva Decolonial como porto de partida em ações de Educação Ambiental e tencionar as discussões dentro desses aspectos, o presente artigo embasa seu teor qualitativo compondo-se de um

referencial teórico ao longo de suas seções, dos quais foram selecionados textos partindo de suas leituras com intuito de examinar as ideias dos autores e selecionar aquelas que dariam a sustentação para a discussão aqui realizada.

Para tanto, além da parte introdutória o presente artigo se divide em mais seis seções, são elas: “Delineamento metodológico”, explicando que tipo de artigo se trata e a escolha dos autores e autoras; “Um Pensamento Hegemônico Presente em nossa Sociedade”, que busca trazer uma reflexão sobre os aspectos hegemônicos advindos do eurocentrismo e como esses estão presentes em nossa sociedade; “O Colonialismo e sua Influência na Relação Humano e Natureza”, essa seção direciona sua discussão em como ao longo do tempo o colonialismo definiu as relações, neste caso ser humano e natureza, partindo de seu caráter dominador; “Decolonialidade como ponto de partida na Construção de um Pensamento Socioambiental”, nessa seção é discutido como a decolonialidade pode auxiliar na construção de um pensamento socioambiental.

A seção intitulada como “Educação Ambiental e Pensamento Decolonial”, realiza sua discussão partindo da ideia de uma Educação Ambiental que possa desempenhar um importante papel na preservação do meio ambiente, essa seção, busca por as duas perspectivas em diálogo; por fim, as “Considerações Finais”, em que se realiza o fechamento das ideias principais discutidas no presente ensaio teórico. Contextualizando um pouco do que será apresentado ao longo do artigo. Por conseguinte, a seguir, será apresentado a primeira seção do referencial.

3. Um pensamento hegemônico presente em nossa sociedade

Em um primeiro momento, é importante que façamos uma reflexão sobre como as problemáticas ambientais presentes em nossa sociedade podem ou não ter surgido ao longo dos anos e assim configurando o atual cenário global. A busca por um progresso sem limites, embasados na falsa ideia da infinidade inesgotável de matéria prima presente em nosso planeta, de certa forma, culminou na apropriação e extração dos recursos naturais como nunca na história do nosso planeta.

Essa visão hierárquica de inferioridade que o ser humano tem em relação a natureza pode estar relacionada com a influência de um pensamento que, por muito tempo manipulou e ditou uma ordem social que deveria ser seguida, mas não apenas isso, a única possível. Em seu caráter hegemônico de pensamento, possui a capacidade de apresentar a sua própria narrativa histórica e se fortalecer ao longo dos anos no senso comum de nossa sociedade (Lander, 2005).

Esse pensamento o qual deveria ser seguido, nasceu na Europa, se colocando no topo em relação as outras formas de pensar, sentir, existir, passando a impor seu modelo de desenvolvimento aos demais povos. Nascia aí, o Eurocentrismo, uma perspectiva de conhecimento que se iniciou em meados do século XVII, uma específica racionalidade de saber que ao longo do tempo, passa a se tornar mundialmente hegemônica (Quijano, 2014).

Para tanto, visto que esse modelo se colocara no topo em relação aos demais seres do planeta, o mesmo necessitava de uma forma de dominação, e com o objetivo de atender esses aspectos o colonialismo foi “concebido”. Assim sendo, a América foi seu “playground”, e a partir desta, se iniciou não apenas uma organização colonial do mundo, mas, a construção e constituição colonial do intelecto de saberes, línguas, memória e do imaginário. Inicia-se um longo processo que resultaria, no século XVIII e XIX, na organização total do espaço e tempo, em que todas as culturas, povos e territórios do planeta, são incluídos em uma única narrativa universal de inferiorização (Lander, 2005).

De fato, o processo de colonização construído para a construção epistêmica do modelo social atual que autointitula como moderno, pois em seu aspecto dominador, tinha como premissa a disseminação de um modelo hegemônico desenvolvimentista que deveria ser seguido. Este deixou cicatrizes em nossa sociedade e ainda está enraizado e presente, em forma de racismo, na dominação sobre os povos, na dinâmica de espaços, na concentração de riquezas, no patriarcado, na relação ser humano natureza e entre outras formas de discriminação de poder e domínio em relação ao outro.

Pensando neste contexto, foi escolhido o título do presente capítulo, “Um pensamento Hegemônico presente em nossa sociedade”, quando me refiro ao “pensamento hegemônico” não estou me referindo unicamente no pensamento eurocêntrico, mas também, em sua dinâmica de dominação, o colonialismo, e como ele pode ter influenciado na construção da relação ser humano e natureza e se firmado na construção da colonialidade.

Assim, a colonialidade, através do colonialismo, se manifesta em quatro esferas, a primeira como definido por Anibal Quijano (1999), “colonialidade do poder”, seriam os padrões modernos de poder que hierarquiza grupos específicos como superiores, enquanto outros são subalternizados. Segundo a “colonialidade do saber”, que não apenas colocou o eurocentrismo como saber hegemônico, mas também, desconsiderou os saberes daqueles que não se enquadravam ao modelo eurocêntrico (Walsh, 2007).

Ainda, a “colonialidade do ser”, que seria a dominação de um ser humano em relação ao outro, através da dimensão de padrões, exercendo uma espécie de domínio e perseguição. Por fim, a “colonialidade da natureza” trata-se do domínio sobre a racionalidade culturais, que na essência são importantes na construção do conhecimento e do ser (Walsh, 2007).

Dentro de todo esse contexto de dominadores e dominados, Palermo (2019), traz discute a ideia de “lugar” em relação a valorização de saberes e se refere a palavra não no sentido geográfico territorial, mas sim, na relação em que as múltiplas formas de conhecimento são construídas e compartilhadas, ainda, segundo a autora, nem todas as formas de saber são reconhecidas aos olhos do sistema mundo globalizado, como mencionado no parágrafo anterior.

De certa forma, o que configura nossa sociedade hoje em relação ao intelecto, ainda está muito enraizada à influência do modelo civilizatório que passamos, o colonialismo, e isso está presente nas diversas áreas da nossa sociedade, na construção do conhecimento, segregação dos espaços e na relação ser humano e natureza (Palermo, 2019).

Para além das problemáticas ambientais, segundo Santos (2000), o atual contexto global é apresentado como capaz de desempenhar uma falsa concepção de hegemonia e igualdade na sociedade, quando na verdade as diferenças são ainda mais aprofundadas. Ainda segundo o autor, o modelo desenvolvimentista desempenha um papel sistêmico em nossa sociedade e tem relação a competitividade, que atualmente caracteriza essas ações hegemônicas (Santos, 2000).

Corroborando, Lander (2005) e Quijano (2000), descrevem que dentro dos artifícios do colonialismo e da colonialidade, o modelo econômico capitalista não se dissocia deste modelo civilizatório e de sua episteme (colonialismo e colonialidade), pois sua visão produtivista calcada no domínio dos recursos naturais, foi o principal contribuinte para os agravantes das problemáticas ambientais em um contexto global.

Para tanto, Araoz (2023) descreve que dentro dos múltiplos contexto de dominação do colonialismo, aqueles que são subalternizados, acabam sendo duplamente desfavorecidos, primeiramente, sofrem com as mazelas causadas no processo de colonização, segundo, com as

problemáticas ambientais advindas da influência do colonialismo no processo de estruturação da visão do ser humano em relação a natureza.

Assim sendo, segundo Araoz (2023), os problemas ambientais, segundo ele, estão relacionados com aspectos ligados aos processos coloniais e ao capitalismo, do qual não objetiva somente o acúmulo de riquezas, tampouco, se restringe apenas ao domínio dos recursos naturais, mas o capitalismo em seu caráter colonial, seria a resultante de uma trajetória expansiva de exploração de alguns seres humanos por outros e de um humano específico em relação aos demais seres vivos.

Outrossim, vale a reflexão, de que se o capitalismo, em seu discurso desenvolvimentista cria um fetichismo em relação a necessidade de fazer parte desse modelo, logo, as multinacionais, que se dizem movimentar a economia global estariam em contrapartida, colaborando para o desequilíbrio ambiental e acentuando ainda mais as diferenças entre aqueles que se dizem desenvolvidos e aqueles são subalternizados.

Um exemplo disso é discutido por Bombardi (2023), em que a autora descreve sobre como o atual contexto econômico criou todo um artifício da necessidade de se atender um mercado global, enquanto desenvolve um tipo de violência química com o uso dos agrotóxicos. A exemplo, em países em desenvolvimento como o Brasil, é constatado um número maior de mortes por envenenamento, seja a curto ou longo prazo, tudo para atender o mercado global. Este é um exemplo claro do caráter colonial presente no capitalismo, de dominação não apenas de recursos, mas em relação aos demais povos, que foi estruturado ao longo do tempo e está presente em nossa sociedade.

Assim sendo, o colonialismo deixou marcas em nossa sociedade, na maneira de pensar, de reconhecer o outro, não seria errôneo afirmar que a natureza passou a se tornar, aos olhos humanos, um produto para satisfazer algo além de suas necessidades de sobrevivência. A seção seguinte, abordará com mais detalhes a influência do colonialismo na construção das relações seres humanos e natureza.

4. O colonialismo e sua influência na relação humano e natureza

A palavra decolonialidade significativamente está ligada ao que Bernardino Costa e Grosfoguel (2016) descrevem como um processo de decolonização, um processo relacionado a desconstrução de um pensamento hegemônico, patriarcal, capitalista, cristão, eurocêntrico, tratando-se de afirmar a existência como um ato de qualificação epistêmica, a colonialidade.

Ou seja, a desconstrução de um pensamento, presente em nossa sociedade atual por anos de colonialismos. Ainda segundo os autores o período histórico definido como pós-colonial não é indicativo que estamos livres das amarras do domínio colonial, mas que os domínios de poder, ser e saber, continuam e estão presentes em nossa realidade (Bernardino; Grosfoguel, 2016).

De fato, presente em diversas áreas da sociedade na forma de dominação citadas por Walsh (2007) e Quijano (1999) e descritas no capítulo anterior, o processo de colonialismo também pode ter surtido seus efeitos nas interações do ser humano e natureza. O ser humano sempre teve estreita relação com a natureza, contudo, essa relação de certa forma esteve sempre ligada a sua sobrevivência e os benefícios que o meio natural poderia trazer para a espécie. Para tanto, aos olhos humanos, a natureza passou a ocupar um lugar inferior, servindo apenas como fonte de obtenção de poder (riquezas) e não apenas subsistência.

Apesar do tema aqui ser relacionado em como o processo de colonização influenciou na construção da relação ser humano e natureza e como ainda ele está presente nesse contexto, essa

forma de domínio também se manifesta de forma racial e sexista. Partindo dessa ideia, a sociedade hoje, necessita de novos meios pelos quais levem ao ato de reflexão, e a perspectiva Decolonial pode auxiliar no contexto de diminuição das desigualdades e como ponto de partida na construção de um pensamento voltado para a preservação do meio ambiente.

Como descrito por Fanon (2005), a necessidade de uma transformação está presente em nossa sociedade, contudo, em estado bruto, abrupta, impetuosa e coativa. Ainda segundo o autor, todo o processo semelhante ao de colonização já tem em mente um poder destrutivo em relação ao colonizado, e toda a ação que se opõe a esse processo é entendida como um ato de rebeldia.

Assim sendo, projetos e ações das quais se contrapõem a perspectivas e normativas já estabelecidas pela “modernidade”, isso partindo da ideia que o colonialismo está presente nesses modelos de desenvolvimento, são consideradas indisciplinadas, pois, diversas formas de opressão, assim como, o colonialismo, utilizam uma diversidade de saberes para melhor dominar o ser humano e a natureza. Assim, abre-se um leque de controle em favor ao seu processo de dominação (Palermo, 2019).

Para tanto, partindo de um contexto histórico, a Europa se coloca de forma hegemônica no Ocidente, dentro dessa narrativa histórica a América ocupa um papel ambíguo, e aos olhos europeus é considerada um continente jovem com potencial para se desenvolver no futuro, entretanto, sua juventude se manifesta débil e imatura. Sua vegetação é monstruosa, porém sua fauna é frágil. Os aborígenes americanos são considerados uma raça débil em processo de extinção. Suas civilizações necessitavam dos grandes instrumentos do progresso (Lander, 2005).

As linhas descritas pelo autor supracitado, deixa explícita a ideia de dominação, de como o Europa via os outros povos do mundo como seres inferiores, e o colonialismo através de seus processos, reforça ainda mais a separação do ser humano/natureza (humano nos padrões europeus), como se, o ser humano (humano nos padrões europeus) fosse o centro de tudo, e o que resta em nosso planeta, sempre estará abaixo do “Homem”. Uma ideia de inferiorização do não humano, assim como os demais povos não europeus que foram mortos e colocados em posição de subalternidade.

A clareza de que a exploração desenfreada dos recursos naturais reflete o colonialismo é que, para alguns coletivos tradicionais, a natureza não é vista como fonte de matéria prima para saciar os desejos da sociedade na busca por desenvolvimento, alguns coletivos indígenas por exemplo, veem o meio natural como uma extensão do seu ser. Para Krenak:

Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade. Enquanto isso — enquanto seu lobo não vem - fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza (Krenak, 2019, p. 09).

No trecho acima citado o autor descreve muito bem essa ideia de que, ao longo do tempo fomos condicionados a ver a natureza como algo exterior ao ser humano, ele relata que tudo que ele consegue pensar é natureza, que o cosmo é natureza e a considera como um ser vivo de forma igualitária ao ser humano.

Essa visão que Ailton Krenak (2019) traz em relação a natureza, está totalmente ligada ao seu lugar de fala. Quando me refiro a “lugar de fala” estou me referindo a suas origens. O autor é filósofo, ambientalista, considerado um líder indígena da tribo “crenaque”. Ainda segundo o autor:

O nome krenak é constituído por dois termos: um é a primeira partícula, kre, que significa cabeça, a outra, nak, significa terra. Krenak é a herança que recebemos dos

nossos antepassados, das nossas memórias de origem, que nos identifica como “cabeça da terra”, como uma humanidade que não consegue se conceber sem essa conexão, sem essa profunda comunhão com a terra. Não a terra como um sítio, mas como esse lugar que todos compartilhamos, e do qual nós, os Krenak, nos sentimos cada vez mais desraizados[...] (Krenak, 2019, p. 24).

A descrição apresentada aqui, feita pelo autor, fortalece o indicativo da ideia de que, antes do processo de colonização tinha-se uma visão totalmente diferente em relação a natureza. A ideia de uma natureza a qual não é colocada hierarquicamente em uma posição de inferioridade ao ser humano, mas sim como uma extensão do ser, que faz parte e é constituinte de todo o universo simbólico relacionado ao “ser” humano. Resta agora aos estudiosos buscar por meios de desvencilhar-se das amarras do colonialismo e da colonialidade.

Outrossim, Spivak (2010) fala sobre a questão da subalternidade, e como a colonização coloca o ser humano em posição de opressão, segundo a autora, para que hoje possamos desconstruir tudo que resultou nos longos anos do processo de colonização, exige uma grande força de vontade, luta e batalha. Ainda, segundo ela o mais claro exemplo de violência epistêmica é o projeto organizado em se construir um sujeito colônia. O fato é que, a colonização aprofundou suas raízes nas mais diversas áreas da nossa sociedade (Spivak, 2010).

Cusicanqui (2010), descreve que de certa forma, para conseguirmos nos desvencilhar das amarras do pensamento colonial e realizar um processo de decolonização profundo, primeiramente é necessário descolonizar nossos gestos, atos, e principalmente a nossa língua, a qual nomeamos o mundo. De certa forma, se fomos condicionados ao longo de séculos a construir pensamentos ligados à nossa realidade, não seria otimismo algum, mas sim realidade, pensar em ações que possam auxiliar na construção de um pensamento crítico voltado para a realidade que vivemos e relacioná-lo com a preservação e conservação do meio ambiente.

Entretanto, Kathryn Yusoff (2023) utiliza o termo neoliberalismo para descrever um novo modelo de apropriação dos recursos naturais, o qual é construído através da violência colonial, abordando uma narrativa de apropriação de terras indígenas e dos povos tradicionais como se isso fosse uma coisa natural. O novo antropoceno, delimitado por alguns geólogos do norte, proclama a linguagem da diversidade de espécie, enquanto mascara o racismo histórico, através da estruturação regulatória e das relações geolocalis.

Um exemplo atual, é o que ocorre no agronegócio, em que partindo da ideia de modernizar-se empresas privadas e projetos estatais relacionados ao mercado e somadas ao melhoramento tecnológico dispõe de um padrão que resulta em sérias consequências aos povos tradicionais que foram perdendo de suas terras devido ao domínio territorial, privados de exercer suas atividades agrícola, seus saberes e suas formas de existir (Wedig; Ramos, 2023).

Esse caráter dominador e colonial está presente no modelo capitalista e, por conseguinte, no agronegócio. Larissa Bombardi (2023), utiliza o termo colonialismo químico, que segundo a autora:

Ajuda a desnudar “o que” e “em que” tem se desdobrado esse movimento do capital, quando as indústrias sediadas em países centrais do sistema econômico internacional vendem agrotóxicos proibidos em seus próprios territórios para os países do Sul global, particularmente da América Latina. Além de ocasionar os já mencionados problemas socioambientais, essas substâncias têm sido usadas como “armas” em conflitos fundiários (Bombardi, 2023, p. 65).

Bombardi (2023) descreve que os países como a Europa, Estados Unidos e a China, financiam os países do sul global, na produção de organismos geneticamente modificados e de agrotóxicos, para atender um modelo de produção agrícola voltado para as commodities, resultando na sua crescente concentração de terra, à medida que expande seus domínios, na submissão dos povos e em uma grande degradação social e ecológica. Dentro deste contexto, as mulheres, os povos originários, crianças, trabalhadores rurais e os camponeses são os mais afetados, seja pelas desigualdades, domínio territorial ou envenenamento (Bombardi, 2023).

A discussão que Bombardi (2023) realiza, enfatiza como certos países que se consideram desenvolvidos dentro do âmbito geopolítico global, subalternizam e menosprezam os países que ao longo da história foram colocados e considerados como a periferia mundial.

Isso reforça, que o colonialismo está presente em nossa sociedade, na apropriação de terras indígenas por grandes empresas para mineração, no domínio de terras, desmatamento e desequilíbrio ecológico causado pelo agronegócio, na discriminação racial, no sexismo, nas monoculturas, das quais para seu desenvolvimento é necessária uma mudança brusca no meio ambiente, destruindo toda a fauna e a flora, na banalização dos povos tradicionais, assim como, na desvalorização de seus costumes, culturas e tradições.

A seção seguinte, discutirá como a decolonialidade pode desempenhar um importante papel, sendo ela, o ponto de partida na construção de um pensamento voltado para a preservação e conservação do meio ambiente, o reconhecimento de um ser humano que faz parte da natureza e não superior a ela.

5. Decolonialidade como ponto de partida na construção de um pensamento socioambiental

Devido uma visão de exterioridade da natureza, a nossa sociedade não percebe o quanto o meio ambiente sofre com a degradação e o quanto ele ainda tenta resistir os efeitos da mudança no planeta resultantes da falsa ideia de progresso. Essa visão de globalização deturpada, focada na importância do modernizar-se, que de fato cega aqueles que defendem a esse tipo de modernização, fazendo com que aqueles que possuem uma ligação com o solo, com a terra, com o meio natural, sejam vistos como atrasados, não os reconhecendo como grupos afetados devido a esse modelo desenvolvimentista (Latour, 2020).

Assim sendo, a elite através de longos anos de exploração acumulou riquezas, fortalecendo-se e construindo uma enorme barreira e distanciando-se ainda mais daqueles que realmente sofrem com a degradação ambiental, os menos favorecidos, os mais afetados ao longo do tempo, discriminados, dos seus lares retirados, sua cultura subalternizada, seus sentires e pensares destruídos (Latour, 2020).

Os coletivos, como indígenas ou quilombolas por exemplo, desempenham suas atividades de agricultura local, conseguem obter da terra, da natureza o essencial para sua sobrevivência, sem trazer impactos danosos colocando em risco o equilíbrio dos ecossistemas. Entretanto, esses por não se enquadrarem em um modelo desenvolvimentista, são considerados como povos atrasados.

Outrossim, autoras e autores como Anna Tsing (2019), sugerem que a sociedade deveria aprender com esses povos, a respeitar a natureza, a buscar por formas de apropriação do meio ambiente que dessem oportunidades para que este, se reestruturasse, como os povos originários fazem. Porém, a realidade da sociedade moderna é voltada para uma interação de predação da natureza.

Assim sendo, visto da necessidade de ressignificação dos valores voltados para a natureza, e entendido que a decolonialidade é um processo de desconstrução de um pensamento hegemônico, logo, ela pode ser grande auxiliadora no que diz respeito a desconstrução de um pensamento hegemônico e construção de um pensamento voltado para a preservação e conservação do meio ambiente, contudo, partindo de um viés histórico, buscando através da historicidade, sensibilizar o indivíduo, construir valores, uma visão crítica frente as problemáticas ambientais. Uma mudança, que parte da desconstrução para, posteriormente uma reconstrução relacionada com a conservação do meio natural.

Sabe-se que o ser humano e a sociedade contemporânea, estão em constante transformação e, dinâmicas que trabalham de forma isoladas não compactuam mais com a atual realidade. Não sejamos ingênuos, em relação ao processo de decolonização e a reconstrução da nossa “identidade”, assim como, a reconstrução de valores e pensamentos voltados para o meio ambiente, é um processo vagaroso que demanda tempo e dedicação, porém, deve-se pensar de forma otimista e acreditar que de fato ações por mais simples que sejam podem aos poucos mudar nossa realidade.

Freire (2002) fala que levar o indivíduo a pensar de forma problemática sobre a realidade a qual ele está inserido, é a forma mais fiel de se reproduzir um conhecimento, pois é partindo desse viés que o ser humano consegue compreender-se como um ser social. Ainda segundo o autor, uma vez conhecendo sua condição, o sujeito jamais se curvará em uma condição de oprimido, pois seu lema será a igualdade e por ela ele lutará.

Partindo desse contexto, se o ser humano foi condicionado ao longo do tempo em perceber a natureza como inferior a espécie humana, por meio da educação partindo da perspectiva decolonial, pode-se levar o indivíduo a refletir como era a relação ser humano natureza antes mesmo do processo de colonização.

Outra questão importante a ser discutida, é que nossa sociedade também reflete longos anos de um processo de desigualdade, miséria e marginalização, de certa forma, algumas esferas sociais são privadas de alcançar o conhecimento. Segundo Freire (2002) a privação da construção de um pensamento crítico no indivíduo, é algo puramente planejado por quem está no poder, podendo assim mediar e regular as ações de quem está ocupando o lugar de oprimido. A colocação do autor supracitado é um exemplo claro do colonialismo.

Partindo desse viés, uma abordagem Decolonial em ações de Educação Ambiental poderiam auxiliar na construção de um pensamento voltado para a conservação do meio natural. Pois se de fato fomos condicionados a reconhecer a natureza da forma que a vemos hoje, é natural que através de práticas desconstrutivas possamos reconstruir uma visão crítica em relação as problemáticas ambientais.

Assim como Krenak (2019), Cadena (2018) descreve muito bem a luta de povos indígenas contra a exploração e o extrativismo, sabe-se que esses povos partilham o pensamento de que o meio natural não deve ser explorado de forma irracional ou inconsequente, pois esses povos entendem e veem a natureza como um “ser” não exterior a eles, mas que de fato, ambos compartilham da mesma vida. Segundo Cadena (2018, p. 106)

Nossos territórios não são ‘recursos’, mas vidas que fazem o Ixofijmogen do qual somos parte, e não proprietários”. Por outro lado, é assim que a Vaca Muerta é definida por desenvolvedores de Neuquén, um dos estados incluídos no depósito de hidrocarbonetos em questão: “Vaca Muerta é um deserto imenso [...]”.

O relato de Marisol de La Cadena (2018), assim como de Krenak (2019), revelam a luta dos povos indígenas, contra um inimigo que volta os olhos para a natureza como um recurso para obtenção de riquezas e poder, sendo que esse poder e essas riquezas são de posse de poucos, contudo, as problemáticas ambientais oriundas desse processo serão pagas por todos na sociedade, sem distinção de raça, origem ou cor.

Para tanto, deve-se ter esperança, pois de fato somos seres em constante evolução e aprendizado, e ao longo do tempo podemos construir e lapidar um pensamento em que a natureza possa ser parte do ser humano ou o ser humano parte dela. Dentro desse contexto, a educação junto a ações e práticas que busquem uma construção e reflexão frente as problemáticas ambientais tonam-se práticas libertadoras, podendo desempenhar um papel muito importante.

Segundo Paulo Freire (1999), as relações do ser humano com o mundo, se apresenta como uma ordem e característica que as diferenciam totalmente das outras esferas de seres vivos presentes na natureza, para o ser humano, o mundo é uma realidade objetiva, independente dele é possível de ser conhecida, ainda segundo o autor, é importante ressaltar que o ser humano é um ser de relações, de contatos e não apenas está no mundo, mas está com o mundo e “estar com o mundo” resulta na liberdade da realidade a qual ele está inserido, pois segundo o autor há uma relação de pluralidade do ser humano com o mundo (Freire, 1999).

Se de fato o ser humano tem a necessidade de se diferenciar dos outros seres por possuir características próprias, e isso explicaria a constante evolução e sua facilidade de adaptação, logo, sua concepção em relação a natureza poderia ser mudada e reconstruída. Leff (2001) descreve que a sociedade necessita de uma reconstrução em relação ao pensamento voltado para preservação e conservação o meio ambiente.

Para Leff (2001) devemos ser otimistas, visto que algumas reflexões acabaram surgindo em meio à crise da modernidade, e estas estão relacionados justamente a capacidade do ser humano se questionar em relação a sua realidade das problemáticas ambientais. Para o autor essas reflexões mostram a necessidade da construção de uma consciência ambiental, partindo de uma perspectiva epistemológica articulando a sociedade e a natureza:

(...) as transformações dos paradigmas científicos tradicionais e a produção de novos conhecimentos, o diálogo, a hibridação e a integração de saberes, assim como a colaboração de diferentes especialidades, propondo a organização interdisciplinar do conhecimento para o desenvolvimento sustentável. Isso gera novas perspectivas epistemológicas e métodos para a produção de conhecimentos, assim como para a integração prática de diversos saberes no tratamento de um problema comum (Leff, 2001, p. 207).

Ou seja, para Enrique Leff (2001), a consciência ambiental nasce no âmbito de uma epistemologia ambiental, onde o indivíduo passa se questionar em relação as problemáticas ambientais e assim passa a produzir e desenvolver novos conhecimentos para a bem comum de todos (Leff, 2001).

Para tanto, na construção de uma consciência ambiental se faz necessário reconhecer através da criticidade que, o ser humano, foi o principal responsável pelas alterações do meio que culminaram nessas problemáticas. Essa questão de desconstruir o que o colonialismo por séculos foi construindo através da decolonialidade, como prática dessa desconstrução, pode ser associada a negação de tudo que já faz parte do nosso subconsciente. Para tanto Gudynas (2016) descreve que toda a diversidade

de saberes existente em nosso mundo, não se pode negar certas ideias, mas sim, tomar consciência de que elas existem, e que por exemplo, as ideias ocidentais são uma opção entre muitas outras.

O ser humano como um ser pensante é capaz de desempenhar uma criticidade em relação a sua realidade e não apenas isso, desempenhar ações que contribuam para a construção de sua história, como descritas nas obras de Paulo Freire. Assim sendo, a perspectiva Decolonial junto a ações de Educação Ambiental podem traçar interessantes caminhos na construção de uma visão crítica frente a essas problemáticas.

6. Educação ambiental e pensamento decolonial

O conceito de Educação Ambiental presente na Política Nacional para a Educação Ambiental criada em 27 de abril de 1999, entende a Educação Ambiental como:

Entendem-se por Educação Ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (Brasil, 1999).

Visto que a Educação Ambiental visa dinâmicas que resultem na construção de ações voltadas para o meio ambiente, assim como, a boa qualidade de vida e o bem comum. A decolonialidade busca por meio da desconstrução de um pensamento hegemônico a reflexão e a busca por nossa identidade, assim, projetos de Educação Ambiental que tenham uma abordagem Decolonial podem ser grandes auxiliares na construção de um pensamento voltado para a preservação e conservação da natureza.

O ato de resistência descrito por Cosicanqui (2010) em capítulos anteriores, é a descrição explícita do que, Paulo Freire aborda em sua obra “Pedagogia do Oprimido”, onde o oprimido se reconhece como um ser importante na construção da sua história, se coloca como atuante em sua própria realidade, e quando desenvolve sua criticidade jamais se curvará perante o opressor, lutará e buscará por seus direitos (Freire, 2002).

Assim sendo a abordagem Decolonial, junto a ações de Educação Ambiental podem levar o indivíduo a reflexão de sua realidade, assim como, pensar no contexto geral da sociedade, no outro e na construção de um pensamento socioambiental. Sabe-se que muito vem sendo feito em relação a ações para a preservação do meio ambiente, mas, segundo Guimarães (2006), assim como as ações Educação Ambiental são desenvolvidas, crescem também, as atividades de explorações que resultam nas problemáticas ambientais.

Por fim, isso reforça mais uma vez a importância de buscar novas perspectivas, a decolonialidade traz em seu cerne, a desconstrução das amarras em relação um pensamento hegemônico, a Educação Ambiental, busca ações que levem o indivíduo a reflexão em relação as problemáticas ambientais, juntas, podem contribuir na construção de um pensamento reflexivo voltado para a preservação do meio ambiente e na luta para o bem comum e a boa qualidade de vida de todos.

7. Considerações Finais

Desde o início da história do ser humano, este sempre teve uma estreita relação com a natureza, contudo, ao longo do tempo essa relação foi sendo modificada e se transformando em uma falsa

concepção de uma natureza objeto, um produto de apropriação da espécie humana. Não se pode definir exatamente em que ponto o ser humano passou a ver a natureza unicamente como fonte de matéria prima para sua promoção em relação ao mundo, mas de fato, antes do período colonial, a relação ser humano e natureza era completamente diferente.

Assim, deixamos de ver o meio natural como um elemento importante que faz parte da nossa realidade ou como uma extensão do nosso ser e passamos a deslumbrá-lo sempre em segundo plano, como algo inferior a nós. Outrossim, parece que fomos cegados por um modelo de desenvolvimento que dita o que é belo, o que é arte, natureza e muitas vezes, que se camufla de tal forma em nossa sociedade que tem a ousadia de interferir até mesmo na construção do sujeito.

O presente artigo buscou através de seu ensaio teórico, realizar uma reflexão de como o colonialismo pode ter influenciado na construção das relações presentes em nossa sociedade e que por conseguinte, influenciado na construção da relação do ser humano com a natureza. Não trago aqui soluções, mas sim, busco através dessas páginas reforçar, que um projeto de Educação Ambiental que se aproprie de um discurso Decolonial pode, de fato, resultar em grandes práticas e ações voltadas para a construção de uma consciência ambiental.

Para tanto, busca-se, posteriormente, elaborar um projeto de Educação Ambiental que utilize como base discursos decoloniais, como potentes agentes na desconstrução de saberes dominantes que estão relacionados ao meio ambiente, e discutir com trabalhos de temáticas similares já publicados. Por fim, acredito que nossa sociedade atual, está sendo afetada por uma cegueira constante, pois temos uma grande dificuldade de perceber a realidade a nossa volta, e isso ocorre também em relação ao meio ambiente e, dinâmicas que abordem assuntos como aqui foram citados, podem se tornar as grandes responsáveis em tirar essa venda que cega nossos olhos.

Referências

ARÁOZ, Horacio. M. Alejandro César. América": mina e plantação. Uma perspectiva decolonial sobre as origens do" antropoceno. Niterói, Universidade Federal Fluminense. ISSN 15177793 / 26748126 (eletrônico). **GEOgraphia**, vol: 25, n. 55. 2023.

BERNARDINO COSTA, Joaze. GROSGOUEL, Ramon. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**. v. 31, nº1, janeiro/abril. 15-24. 2016.

BOMBARDI, Larissa. M. **Agrotóxicos e colonialismo químico**. Ed Elefante, 2023.

BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Lei n. 9.795**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999.

CUSICANQUI, Silvia. R. **Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores**. Ch'ixinakax utxiwa, 2010.

CADENA, Marisol de la. Natureza incomum: histórias do antropego. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. (69), 95-117. 2018.

ESCOBAR, Arturo. **Encountering development: the making and unmaking of the Third World**. Princeton, Princeton University Press. 1995.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF. 2005.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.
- GIL, Antonio. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2008.
- GUDYNAS, Eduardo. **Bem viver: Germinando Alternativas ao Desenvolvimento**. In: Descrecimento. Vocabulário para um novo mundo. D'ALISA, G. DEMARIA, F & KALLIS, G (orgs.). Tomo: Porto Alegre. 2016.
- GUIMARÃES, Mauro. Armadilha paradigmática na educação ambiental. In: LOUREIRO, C. F. B. et al. (Org.). **Pensamento complexo, dialética e educação ambiental**. São Paulo: Cortez. 15-29. 2006.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras. 2019.
- LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos. In.: **A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais**. Perspectivas latino-americanas. São Paulo: CLACSO. 2005.
- LATOUR, Bruno. **Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo. 2020.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia Ambiental**. São Paulo: editora cortez. 2001.
- MENEGHETTI, Francis. K. **O que é um ensaio-teórico?** Revista de Administração Contemporânea. 2011.
- PALERMO, Zulma. **Alternativas locais ao globocentrismo**. Revista Epistemologias do Sul. Dossiê: Giro decolonial II Gênero, raça, classe e geopolítica do conhecimento. v. 3 n. 2. 44-56. 2019.
- QUIJANO, Aníbal. **Bien vivir: entre el desarrollo y la des/colonialidad del poder**. Em Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder, Antologia editada por Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais - CLACSO, 847-59. Buenos Aires: CLACSO. 2014.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In E. Lander (Comp.) **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. – Buenos Aires: CLACSO. 2000.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina, en: S. Castro-Gómez, O. Guardiola Rivera y C. Millán de Benavides (eds.), **Pensar (en) los intersticios. Teoría y práctica de la crítica pós-colonial**. Bogotá. Colección Pensar / Centro Editorial Javeriano. 1999.
- SANTOS, Milton. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal. **Cap. 1 O mundo como fábula, como perversidade e como possibilidade**. Rio de Janeiro: Record. 2000.
- Sena, Augusto. M. C. D. A theoretical essay on sustainability and environmentally balanced output growth: natural capital, constrained depletion of resources and pollution generation. **Brazilian Administration Review**. 2009.
- SPIVAK, Gayatri Chakravony. [1942] **Pode o subalterno falar?** Tradução: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG. (Partes II e III).2010.
- TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas.

2019.

WALSH, Catherine. ¿ Son posibles unas ciencias sociales/culturales otras? Reflexiones en torno a las epistemologías decoloniales. **Nómadas (Col)**, n. 26, p. 102-113, 2007.

WEDIG, Josiane Carine; RAMOS; João Daniel Dorneles. Colonialismo, plantation e Antropoceno: o controle sobre corpos e territórios. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 86, p. 16-30, dez. 2023.

YUSOFF, Kathryn. A Billion Black Anthropocenes - **cap. Geology, Race, and Matter**. 2023.

Contribuição dos autores: Os autores contribuíram com a elaboração da fundamentação teórica, estruturação do artigo, pesquisa, análise e descrição dos resultados e revisão do manuscrito.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.
